

Destacamos abaixo as seguintes matérias publicadas na mídia nacional, no dia 30/01/2008, sobre os mais recentes dados da violência, no Brasil (seguem os textos para leitura):

JORNAIS

Jornal Nacional

Violência

- Violência cresce no interior

Correio Braziliense

Opinião

- O mapa da morte:: Glaucio Ary Dillon Soares
- #### *Brasil*
- Meio milhão de mortos
 - A volta do desarmamento

O Globo

País

- Homicídios crescem mais que população
- Rio é a capital da mortalidade de jovens
- Mortes em acidentes de moto sobem 83%

O Estado de S. Paulo

Metrópole

- São Paulo cai 310 posições no mapa das cidades com mais assassinatos
- Homicídio teve queda de 22% em 2007, diz secretaria

Folha de S. Paulo

Cotidiano

- Cai o número de homicídios no país
- Taxas ainda são altas, afirmam analistas
- Lista das cidades mais violentas inclui áreas de desmatamento
- Mortes entre jovens também cai; Foz do Iguaçu lidera ranking
- Falta de fiscalização facilita acesso às drogas em Foz, diz conselho tutelar
- Prefeito de campeã de violência diz que traficantes "desovam" corpos na cidade
- Entre as dez cidades com mais homicídios, única capital é Recife
- Melhora posição de SP no ranking de mortes
- Drogas e desemprego põem Caraguatatuba no topo da violência em SP, diz prefeito

Zero Hora

Polícia

- Estudo traça mapa da violência no país

Jornal Nacional**29/01/2008**

Violência

Violência cresce no interior

Um estudo divulgado, nesta terça-feira, pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla) mostrou que a violência está crescendo mais no interior do que nas capitais brasileiras e que o índice de assassinatos com armas de fogo parou de cair, em 2006.

Uma família, duas tragédias na Região Metropolitana de Belo Horizonte. A tia do professor Cristiano Oliveira foi vítima de bala perdida quando ia à padaria. O irmão dele foi assassinado em casa. “Para mim acabou, porque é muito triste”, desabafou o professor.

O mapa da violência levou mostrou que depois de dois anos de queda, o número de assassinatos à bala se estabilizou em 2006. Foram 36 mil mortes.

O governo anunciou que vai retomar a campanha do desarmamento no mês que vem. “O desarmamento se mostra eficaz no sentido de reduzir a violência e a criminalidade”, afirmou o secretário executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Teles.

O estudo mostra uma redução do número total de homicídios. De 47.578 em 2005 para 46.660 em 2006. Ainda assim, são 126 mortes violentas por dia. No total, 73% dos homicídios estão concentrados em apenas 10% dos municípios brasileiros.

São Paulo, Rio de Janeiro e Recife foram as cidades com o maior número de assassinatos. Entre os jovens de 15 a 24 anos, Foz do Iguaçu, no Paraná, registrou a maior taxa de homicídios.

Quando se compara os homicídios com o tamanho da população, fica claro que a violência tem crescido mais no interior do país do que nas capitais. De acordo com o estudo, isso acontece por falta de investimento em segurança nas cidades menores. Hoje, dos 50 municípios com maiores índices proporcionais de homicídios, metade tem menos de 50 mil habitantes.

O mapa da violência registra também outro dado preocupante: o aumento nas vítimas de acidentes com motos. O número praticamente dobrou em cinco anos. Em 2006, foram quase sete mil mortes. Um drama que atingiu a família da diarista Laurenita de Lima. O filho dela, de 20 anos, morreu em um acidente.

“Metade da minha vida foi embora. Eu não tenho mais alegria, não sou mais ninguém”, desabafou a diarista.

Mas as maiores vítimas do trânsito ainda são os pedestres. Foram quase 9,5 mil mortes em 2006.

Aldésio Ribeiro da Cunha perdeu o filho. Um jovem de 20 anos, que cursava duas faculdades. Foi atropelado na calçada, vítima de um motorista que fazia um racha em uma das avenidas mais movimentadas de Fortaleza. “O que a gente mais quer é justiça”, desabafou Aldésio.

Encontre esta reportagem em:

<http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1670970-3586,00.html>

Correio Braziliense**30/01/2008**

Opinião

O mapa da morte :: Glaucio Ary Dillon Soares*Sociólogo, é pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)*

O mais recente Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros, de 2008, apresenta dados até 2006 sobre as mortes violentas no Brasil, por municípios. É um instrumento importante, com várias contribuições e algumas omissões. A principal contribuição é demonstrar que a queda dos homicídios, que começou em 2004 depois da promulgação do Estatuto do Desarmamento, continuou. Foi a primeira vez, desde 1979, que o número absoluto de homicídios caiu e continuou caindo. Foram salvas muitas vidas.

Os homicídios, que haviam diminuído mais de 5% em 2004 em relação a 2003, continuaram caindo em 2005 e 2006, mas a ritmo menor (cerca de 3% ao ano). Foi uma queda esperada e anunciada. Não foram poucos os autores e os artigos prevendo que se daria em função do Estatuto do Desarmamento. Foram publicados antes e a previsão estava correta. As mortes por armas de fogo entraram em queda livre — entre 2004 e 2006 morreram 7.200 pessoas a menos do que teriam morrido caso o nível de 2003 fosse mantido.

Porém, sem o desarmamento, os homicídios estavam crescendo: durante um quarto de século, desde 1979 até 2003. Somente entre 2000 e 2003, o salto foi de quase 6 mil, em números absolutos, decrescendo a partir de 2004. Assim, somando, em cada ano, os que morreram a menos com os que teriam morrido em razão do aumento esperado pela tendência anterior, o Estatuto salvou muito mais do que 12 mil vidas.

O risco de morte violenta por homicídio (e por suicídios e acidentes com armas de fogo) decresceu significativamente para todos os brasileiros, inclusive para os que estão lendo este artigo — e seus familiares e amigos. Porém, perdemos uma chance histórica de reduzir ainda mais esse risco no plebiscito. Contrariamente ao chute que previa que as vidas salvas das armas de fogo seriam perdidas para outras formas de homicídio, numa inexistente lógica compensatória, o número total de homicídios caiu e milhares de vidas foram salvas.

Bons governos salvam vidas. A maior omissão do mapa se refere ao estado de São Paulo, êxito internacionalmente conhecido como exemplo do combate inteligente à criminalidade violenta. Em 1999, a taxa paulista estava em 44 por 100 mil habitantes, mais do dobro da do resto do Brasil. Porém, vários anos de políticas inteligentes e competentes de contenção do crime provocaram queda sistemática: 42,1, 41,8, 37,9, 35,9 e 28,6. Os dados de 2004 colocam São Paulo em situação de semelhança com o resto do país. Porém, dados da Secretaria de Segurança Pública mostram que o declínio continuou forte em São Paulo. Dados muito recentes sobre o 3º trimestre de 2007 mostram que houve 554 mortes a menos do que no mesmo trimestre de 2006.

Porém, para manter a comparabilidade com os dados do mapa, tivemos que recalcular os dados relativos a 2006. A taxa, pela primeira vez em muito tempo, foi inferior a 20 por 100 mil habitantes. A taxa paulista já estava um pouco abaixo da mineira, inversão histórica, fruto da redução paulista e da explosão da taxa de homicídios durante três governos em Minas Gerais, que só começou a ser reduzida em 2003. De acordo com a versão anterior do mapa, Minas Gerais passou do quarto estado menos violento do país

ao grupo médio alto (15º mais violento). É preciso estudar esse crescimento, assim como o do Paraná, os de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, os altos níveis estaduais de Pernambuco e do Espírito Santo para aprender com os erros.

Meu olhar, sobrepondo as taxas de homicídio e a distribuição das fronteiras agrícolas, sugere uma relação entre as duas variáveis. As áreas de expansão desordenada, além dos danos ecológicos, têm altíssimas taxas de homicídio. Não encontrei, no mapa de 2008, o equivalente à Tabela 2.1 do mapa de 2007, que comparava as taxas dos estados. Consulta às fontes estaduais e aos pesquisadores paulistas revela que, em 2007, os homicídios continuaram caindo. Ou seja, a transição de Alckmin para Serra não alterou a tendência benéfica à redução dos homicídios. O estudo detalhado das políticas públicas paulistas se justifica porque o grosso das políticas relevantes se referiu à melhoria das polícias, à aplicação dos bons princípios da ciência policial moderna.

O mapa enfatiza a interiorização dos homicídios e a alta participação dos jovens entre as vítimas de homicídio. Dado ausente, de fácil obtenção, se refere ao gênero — no Brasil, um dos grandes determinantes do risco de vitimização; os mesmos dados, apresentados por gênero, podem apresentar diferenças significativas. Falta, também, incluir a raça entre os fatores determinantes da vitimização. Controlando a classe social, o gênero, a idade e o estado civil, a raça é um importante determinante da vitimização por homicídios. Os dados são mais recentes e menos confiáveis do que os relativos ao gênero e ao sexo, mas essa seria uma importante adição ao esquema explicativo porque os negros têm um risco muito mais alto de vitimização por homicídios.

E, já que essa é, também, uma lista dos meus desejos para edições futuras desse utilíssimo mapa, uma análise estatisticamente um pouco mais sofisticada, multinível, separando os efeitos dos estados e os dos municípios, seria grande contribuição para aquilatar os efeitos de diferentes políticas públicas. Notícias auspiciosas, que mostram que o risco de morrer assassinado no Brasil como um todo está baixando.

Correio Braziliense

30/01/2008

Brasil

Meio milhão de mortos

Os dados são assustadores: entre 1996 e 2006, enquanto a população brasileira cresceu 16,3%, os homicídios aumentaram 20%. A partir de 2003, porém, a tendência é de queda na taxa de violência

Renata Mariz
Da equipe do Correio

A violência explodiu entre 1996 e 2006. O número de mortes não-naturais no país subiu 20%, índice superior ao próprio crescimento da população, que foi de 16,3% no mesmo período. Apesar de uma tendência de queda verificada após 2003, quando houve um pico histórico de 51.043 vítimas, a quantidade de pessoas abatidas pela violência ainda é assustadora: 46.660 mortos em 2006. Os dados são do Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros, estudo divulgado ontem pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla). O Distrito Federal ficou em 409º lugar no ranking nacional, mas

com uma taxa de homicídios preocupante, de 32,1 por 100 mil habitantes, indicador maior que o da cidade de São Paulo, cuja média foi de 23,7.

O levantamento mostrou ainda que 73,3% dos assassinatos ocorridos no país em 2006 se concentraram em 10% dos municípios brasileiros. No ranking das 10 cidades com as maiores taxas de homicídios, a única capital é Recife (PE), em 9º lugar, que registrou 90,5 assassinatos para cada 100 mil habitantes. O indicador é calculado com base nos números de mortes violentas de 2002 a 2006. Coronel Sapucaia, na fronteira do Mato Grosso do Sul com o Paraguai, liderou a lista, com taxa de 107,2 homicídios. No segundo lugar ficou Colniza (MT), com 106,4. A cidade, em pleno arco do desmatamento, ocupava o posto de mais violenta do Brasil na edição anterior da mesma pesquisa, devido ao índice de 165,3 óbitos em 2004.

"Notamos que a violência tem migrado dos grandes centros urbanos para o interior do país. Esse fenômeno se deve ao fortalecimento dos sistemas de segurança das capitais, ao surgimento de pólos atrativos em cidades mais afastadas e também à melhoria no registro dos dados de mortes", destaca Julio Jacobo Waiselfisz, sociólogo e autor do estudo. Segundo ele, as cidades no topo do ranking padecem da ausência do poder público. "São locais com ocorrências de grilagem, trabalho escravo, extração ilegal de madeira, onde não há lei nem direitos humanos", explica. A região de fronteira é outro destaque na lista dos municípios violentos, a exemplo de Foz do Iguaçu, que ocupa o 5º lugar.

Distrito Federal

Em números absolutos de assassinatos ocorridos em 2006, São Paulo é o campeão, com pouco mais de 2,5 mil mortes registradas. O Distrito Federal aparece em 9º lugar, devido aos 769 homicídios notificados. Proporcionalmente ao tamanho da população, entretanto, a média de homicídios impressiona: 32,1 por 100 mil habitantes. A taxa é superior à da capital de São Paulo, que registrou 23,7 mortes. "Os números das cidades ao redor de Brasília empurram o índice para cima. Sabemos que há muita violência no Entorno", destaca Jorge Werthen, diretor-executivo da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla), que elaborou o estudo.

Eliane Lopes de Sousa conhece de perto a violência na capital. Ela perdeu o irmão, morto a tiros perto de casa, na Estrutural, há cinco dias. "Não temos a quem apelar, os policiais estão investigando, mas até agora não há pistas de quem fez essa maldade com ele", diz a comerciante de 23 anos. A vítima, Lênio Lopes de Sousa, tinha 25 anos e deixou esposa e dois filhos, um deles com apenas um mês e meio de vida. "Não sei o que fazer. Agora é pedir ajuda a Deus e aos meus parentes", lamenta a viúva Taíze Sousa.

PESQUISA AMPLA

Os números apresentados pelo Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros têm como base o Sistema de Informações sobre Mortalidade do **Ministério da Saúde**, que centraliza informações das certidões de óbito emitidas em todo o país. Para controlar possíveis flutuações dos dados, as taxas médias de homicídios foram calculadas a partir dos índices disponíveis dos últimos três anos (2004 a 2006), no caso de municípios com mais de 3 mil habitantes. Para localidades com população menor que essa, a média utilizada foi de cinco anos - 2002 a 2006.

Mais jovens são vítimas

Enquanto os homicídios na população total cresceram 20% de 1996 a 2006, entre os jovens o índice aumentou 31,3%. Passaram de 13.186 para 17.312 as vítimas fatais de violência com idade entre 15 e 24 anos no período. Foz do Iguaçu (PR) lidera o ranking de mortes juvenis, com uma taxa de 234,8 por 100 mil habitantes. Em seguida estão

Recife (PE) e Santa Cruz de Minas (MG), com 214,3 e 211,8, respectivamente. O balanço, parte do estudo Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros, divulgado ontem, traz ao menos uma notícia alentadora. Houve uma redução de 13% no índice de assassinatos de jovens de 2004 a 2006.

O Mapa da Violência mostrou que, pela primeira vez, o Rio ultrapassou São Paulo no número de homicídios de jovens. Morreram 2.241 rapazes e garotas em 2006 no Rio, contra 2.008 no estado paulista. Para o autor do estudo, Julio Jacobo Waiselfisz, a queda em São Paulo tem relação com o combate à violência articulado por vários atores. Ele cita a participação de 39 prefeituras no Fórum Metropolitano de Segurança Pública e o trabalho realizado pela sociedade civil, por meio do Instituto São Paulo contra a Violência. "Medidas como lei seca, abertura das escolas para prática de esportes, entre outras ações, surtiram um bom efeito", afirma Jacobo. O levantamento servirá para nortear as ações do Programa Nacional de Segurança Pública, que tem como foco o jovem. (RM)

Correio Braziliense

30/01/2008

Brasil

A volta do desarmamento

Governo anuncia para fevereiro a retomada do recolhimento de armas de fogo. Iniciativa reabre a disputa entre organizações de combate à violência e entidades pró-armamentos

Hércules Barros e Renata Mariz

Da equipe do Correio

A retomada da campanha do desarmamento pelo governo federal a partir de fevereiro promete colocar novamente favoráveis e contrários à medida em um cabo-de-guerra. O anúncio foi feito ontem pelo secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, após o lançamento da pesquisa Mapa da Violência nos Municípios Brasileiros. Segundo ele, a queda nos índices de homicídio de 2003 para cá — que caíram 2,9% ao ano, resultando em 46.660 mortes em 2006 — tem relação direta com o recolhimento de armas de fogo provocado pela campanha. Enquanto organizações de combate à violência comemoram a decisão e defendem a continuidade da medida, representantes de movimentos pró-armas consideram equivocada atribuir a queda dos homicídios à restrição aos armamentos.

Saíram de circulação, desde que o Estatuto do Desarmamento entrou em vigor, 464 mil revólveres, pistolas e metralhadoras. A meta do governo era recolher 80 mil. Pelas estatísticas do Ministério da Justiça, a campanha do desarmamento, ocorrida de julho de 2004 a outubro de 2005, poupou 3,2 mil vidas. Segundo o estudo divulgado ontem, o uso de arma de fogo nos homicídios representava 77,9% de todos os meios utilizados em 2003. Em 2006, esse índice caiu para 74,4%. "Não temos dúvidas de que a campanha do desarmamento foi a grande colaboradora para essa queda. É simples, tiramos armas de circulação e as mortes diminuíram", afirma Julio Jacobo Waisfeldz, autor do levantamento.

Para o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ), que integrou a frente parlamentar pelo não ao desarmamento, o governo precisa mudar o critério de avaliação de redução do índice de homicídios. "É preciso saber quantos cidadãos de bem e quantos bandidos

morreram. Retomar a campanha é desmobilizar a população ordeira. O próprio plebiscito mostrou o que a população pensa: o direito de ter armas”, sustenta.

O presidente da organização não-governamental Viva Brasil (outro expoente da luta anti-desarmamento), Bené Barbosa, contesta a relação da campanha com a diminuição no número de homicídios. “Se fosse assim, o Paraná deveria ter registrado queda e não aumento de homicídios”, observa. O Paraná está entre os cinco estados onde mais houve entrega de armas em 2006. De acordo com os números do novo mapeamento da violência, em 2006, o estado registrou 2.904 homicídios, 91 a mais do que em 2004. “Até pode existir uma opção de entrega de armas, mas não há relação direta de queda de homicídios com desarmamento”, insiste.

O coordenador do Instituto Viva Rio, Rangel Bandeira, rebate as críticas à campanha e argumenta que a volta da iniciativa é fruto de uma discussão com a sociedade civil. “No último dia 22 de janeiro, representantes de nove entidades se reuniram no Ministério da Justiça para tratar da volta da campanha. O governo está atendendo um reclame da sociedade. Queremos que a campanha seja todos os anos e que dure pelo menos um mês”, destaca. Para o deputado Raul Jungmann (PPS-PE), que foi presidente da campanha do desarmamento, não só o movimento, mas o estatuto contribuíram para a queda de homicídios. “Tanto que o estatuto é continuamente alvo de tentativas de descaracterização. Inclusive por parlamentares da própria base governista que apóiam a indústria da arma”, afirma.

Crescem mortes de motociclistas

Renata Mariz
Da equipe do Correio

A participação dos pedestres nas mortes causadas por acidentes de trânsito caiu entre 2002 e 2006, passando de 43,4% para 34,9% de todas as vítimas fatais nas estradas. Na contramão dessa queda, os motociclistas começaram a morrer mais. No mesmo período, houve aumento de 83% nos óbitos dessa categoria. Entre os ocupantes de carros e camionetes, a taxa de mortes teve uma leve redução, de 28,4% para 27,4%, segundo o estudo Mapa da Violência nos Municípios Brasileiros.

O Ministério da Justiça anunciou que vai tratar com mais atenção a questão do motociclista no pacote de medidas que alteram a legislação de trânsito, em estudo pela pasta atualmente. “Sabemos que o motociclista, muitas vezes, trabalha com entrega, numa velocidade excessiva. Vamos estudar as melhores formas de melhorar essa conduta”, afirma Luiz Paulo Barreto, secretário-executivo do Ministério da Justiça.

Hederzan Geraldo de Souza defende medidas nesse sentido. Entregador de uma rede de farmácias há quase um ano, o rapaz de 21 já caiu duas vezes de sua moto. “Mas não é só culpa da gente. O motorista de carro também nos desrespeita muito. Acho que as duas partes precisam se educar melhor para o trânsito ser menos perigoso”, afirma Hederzan.

Para Julio Jacobo Waiselfisz, autor do estudo Mapa da Violência, é preciso reforçar as campanhas educativas com foco no motociclista e ampliar os mecanismos de controle. “Sabemos que eles são relativamente imprudentes, correm demais, ultrapassam entre os carros”, diz Jacobo. Em números absolutos, Brasília, considerada capital da boa educação no trânsito, devido ao uso da faixa de pedestres, não teve boa colocação. Ficou

em 4º lugar no ranking geral de mortes nas estradas, com 580 óbitos. Só perdeu para São Paulo (1.593), Belo Horizonte (704) e Fortaleza (623).

O Globo

30/01/2008

XCapa País

Homicídios crescem mais que população

De 1996 a 2006, o número de homicídios no Brasil subiu 20% - ritmo de crescimento superior ao da população, que aumentou 16%.

Foram 500 mil mortes em dez anos, mostra o Mapa da Violência nos Municípios Brasileiros. As mortes vêm caindo desde 2003, como resultado da campanha do desarmamento. Mas o ritmo de queda diminuiu em 2006, e o governo relançará a campanha.

Em dez anos, 500 mil homicídios

Governo retomará campanha do desarmamento, que reduziu mortes nos últimos anos

Demétrio Weber

BRASÍLIA Entre 1996 e 2006, o número de assassinatos no Brasil cresceu mais que a população. Os homicídios tiveram aumento de 20%, enquanto o crescimento populacional foi de 16,3%, revela o Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros 2008, divulgado ontem pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla) e pelo governo. O estudo registra, no entanto, que entre 2003 e 2006 houve queda de 8% no número de assassinatos. Ainda assim, foram mortas 46.660 pessoas em 2006, o equivalente a 127 por dia - 74,4% delas por arma de fogo. Desde 1996, foram assassinados 500.762 brasileiros.

O autor do levantamento, o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, disse que a queda de homicídios de 2003 a 2005 reflete a diminuição de armas nas mãos dos brasileiros a partir da campanha do desarmamento, que entre 2004 e 2005 recolheu cerca de 500 mil armas. Em 2006, as mortes caíram em ritmo mais lento, e o número de óbitos por arma de fogo se manteve estável em relação ao ano anterior. O número de assassinatos em 2006 é inferior ao de 2001, mas está acima dos 45.343 óbitos registrados em 2000. Ou seja, a estatística voltou a um patamar anterior a 2001.

O Ministério da Justiça aproveitou o lançamento do estudo para anunciar que retomará a campanha do desarmamento em fevereiro.

- Os números são altos, mas a redução é alentadora - disse o secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, alertando que os municípios precisam se engajar nos sistemas de segurança dos estados, por meio das guardas municipais e de políticas sociais.

O mapa mostra que 556 municípios brasileiros - 10% do total - concentraram 73,3% dos homicídios no país, em 2006. Eles abrigavam apenas 44,1% da população. Dos 92 municípios fluminenses, 43 estão na lista, respondendo por 96,5% dos assassinatos no estado. O Rio de Janeiro é o segundo estado com maior percentual de

idades entre as mais violentas: 46,7%. No Amapá, que só tem 16 municípios, oito - 50% - estão na mesma situação. Pernambuco e Roraima têm 40%.

Cidades do interior registram maior taxa

O estudo voltou a apontar que as maiores taxas de homicídio (por 100 mil habitantes) estão em cidades do interior. Coronel Sapucaia (MS) tem a pior taxa, 107,2, seguido por Colniza (MT), com 106,4, e Itanhangá (MT), com 105,7. Recife é a primeira capital, em nono lugar no ranking, com 90,5.

Macaé (RJ), o município fluminense em pior situação, está em 15o lugar, com taxa média de 85,9. Já a taxa do Rio é de 37,7 e a de São Paulo, 23,7. O levantamento considera a taxa média dos últimos três anos, em municípios com mais de 3 mil habitantes, e cinco anos, nas cidades menores.

São Paulo e Rio tiveram redução de homicídios mais acentuada que a média nacional. Na cidade do Rio, a queda foi de 32%, entre 2003 e 2006. Se incluídos os dados de 2002, a diminuição é de 39%. Em São Paulo, os assassinatos caíram 54% de 2003 a 2006.

Mas o Rio registrou o maior número de óbitos por armas de fogo em 2006: 2.235, contra 2.151 em São Paulo. Desde 1979, foram registradas 650.375 mortes por armas no país. O estudo tem como fonte o Sistema de Informações sobre Mortalidade do **Ministério da Saúde**, que contabiliza as certidões de óbito. O Mapa da Violência dos Municípios 2007, divulgado ano passado, apresentava dados até 2004.

Waiselfisz comemorou a volta da campanha do desarmamento e disse que a mobilização da sociedade foi decisiva para melhorar a realidade em São Paulo, com medidas como a lei seca e a abertura de escolas no fim de semana. A volta da campanha do desarmamento permitirá a regularização de quem tem arma ou sua entrega mediante pagamento pelo governo.

A campanha fará parte do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci).

Guaíra sofre com migração de criminosos

CURITIBA. O município de Guaíra, na região oeste do Paraná e a 660 quilômetros da capital, está em primeiro lugar no ranking de homicídio por armas de fogo no país. Um dos motivos apontados pelas autoridades locais é a migração de criminosos da região de Foz do Iguaçu, fortemente patrulhada, e de outros estados, especialmente Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo. O município fica a 20 quilômetros de Salto del Guayra, no Paraguai, e faz fronteira com o município de Mundo Novo, no Mato Grosso do Sul, por uma ponte onde circulam mais de dois mil veículos diariamente.

- Temos percebido que os crimes de tráfico e descaminho têm migrado para cá. Como consequência, os próprios criminosos geram competição e desentendimento. Isso já aconteceu com Foz do Iguaçu e agora está ocorrendo aqui em toda região - afirma o delegado da Polícia Federal de Guaíra, Marcos Antonio Farias.

Como a fronteira com o Salto del Guayra é feita pelo mar, os policiais dizem que, com qualquer barco, é grande a facilidade de trazer drogas e armas do Paraguai.

O delegado Pedro Lucena, da Polícia Civil de Guaíra, informa que foram registrados 22 homicídios com arma de fogo em 2006, enquanto no ano passado esse número passou para 28.

Além disso, dos 170 presos da delegacia, cuja capacidade é para 54 presos, apenas 34 criminosos são da região, enquanto o restante vem de cidades como Rio de Janeiro, Vitória e São Paulo.

- A violência é alta porque o local é propício para isso. É comum as pessoas se envolverem no tráfico e se matarem. E, quando cometem um crime aqui, vão para o Paraguai.

Rio é a capital da mortalidade de jovens

Em 2006, cidade registrou 879 das 17.312 mortes de pessoas entre 15 e 24 anos

BRASÍLIA e RECIFE. O Rio de Janeiro é a cidade brasileira com maior número absoluto de assassinatos de jovens de 15 a 24 anos, segundo o Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros. Em 2006, foram registradas 879 mortes nessa faixa etária. Na comparação com a população, são 83,6 mortes por 100 mil habitantes. A maior taxa de homicídios de jovens está em Foz do Iguaçu, no Paraná, na fronteira com Paraguai e Argentina: 234,8 mortes por 100 mil habitantes. Recife aparece logo atrás, com 214,3. O município fluminense em pior situação é Duque de Caxias, que tem a oitava taxa média mais alta do país, com 176,8 jovens assassinados a cada grupo de 100 mil.

A exemplo do que ocorreu com a população total, os homicídios de jovens caíram 12% entre 2003 e 2006. No acumulado de 1996 a 2006, porém, houve acréscimo de 31%. O estudo mostra que 17.312 pessoas de 15 a 24 anos foram assassinadas em 2006, número inferior ao de 2000. Somados os assassinatos de 1996 a 2006, o total é de 186.921 vítimas jovens no país.

O mapa apresenta dados por cidade desde 2002, quando 1.508 jovens cariocas foram mortos. No Rio, o número caiu ano a ano, totalizando diminuição de 41% no período. A capital paulista ocupa a segunda posição, com 797 jovens assassinados, seguida por Recife, com 636.

Aos 20 anos, Iracema Gonçalves da Silva é o retrato da convivência com uma realidade que faz de Recife a capital mais violenta do país. Aos 5 anos, assistiu à morte do maior amigo com um tiro acidental quando ele brincava com um coleguinha. O tiro foi disparado por um menino que brincava com uma arma. Depois, viu um tio ser executado depois de denunciar à polícia os traficantes do bairro onde morava. Aos 16, com um bebê, ficou viúva. O companheiro, de 18 anos, foi assassinado com seis tiros na porta de casa. O segundo companheiro, Tiago Oliveira da Costa, 19, morreu este ano. Ele ajeitava o pneu da bicicleta, quando foi atropelado por um motorista embriagado.

Iracema sofre com o estigma da violência que a cerca: - Dizem que, como sou viúva duas vezes, é porque sou pé-frio, dou azar, e aconselham aos rapazes do bairro a não namorarem mais comigo.

O diretor-executivo da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla), Jorge Werthein, disse que a queda do número de mortes de jovens em relação a 2005 é motivo de alegria, embora ainda considere alarmante o número de vítimas juvenis. E cita o Rio, onde o assassinato de 879 jovens por ano significa mais de dois crimes por dia. (Demétrio Weber e Letícia Lins)

Mortes em acidentes de moto sobem 83%

BRASÍLIA. O número de motociclistas mortos em acidentes de trânsito subiu 83% de 2002 a 2006, mostra o Mapa da Violência dos Municípios. Só em 2006, 6.829 deles morreram, o equivalente a 25% do total de vítimas fatais em colisões em todos os meios de transporte.

Em 2002, morreram 3.740 motociclistas - 16,3% do total de 33.265 vítimas dos meios de transporte naquele ano. O secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, disse que a proliferação dos serviços de tele-entrega fez aumentar a frota de motos no país e também os acidentes.

Em 2006, os meios de transporte mataram 35.146 pessoas, 5% a mais que em 2002. Na comparação com 2005, houve queda de 4%, mas o estudo alerta que não está claro se foi uma diminuição real ou decorrente de falha na coleta de dados.

O Mapa da Violência 2008 está disponível na internet (www.ritla.net).

Estado de S.Paulo

30/01/2008

METRÓPOLE

São Paulo cai 310 posições no mapa das cidades com mais assassinatos

Entre 560 municípios, capital ocupa o 492.º lugar; sensação de insegurança continua por causa de roubos, diz expert

Lisandra Paraguassú e Bruno Paes Manso

Em dois anos, São Paulo melhorou 310 posições na lista das 560 cidades com maior número de assassinatos do País, conforme a segunda edição do Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros, divulgada ontem pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, em Brasília. No primeiro mapa, que saiu no ano passado, a capital ocupava a 182ª posição, com taxa média de 48,2 homicídios para cada 100 mil habitantes. No novo estudo, caiu para o 492º lugar, com taxa de 31,1 por 100 mil.

Veja os números da violência nas cidades brasileiras

Em 2006, último ano usado como base para o segundo mapa, foram assassinadas em São Paulo 2.546 pessoas. É como se toda a população de um pequeno município, como Torre de Pedra (SP), tivesse sumido em 12 meses. Ainda assim, é quase a metade das 5.575 mortes de 2002. Um dos motivos para isso é o Estatuto do Desarmamento. Da sua adoção, em 2003, até 2006 houve redução de 8,5% nos assassinatos no Brasil - de 51.043 mortes para 46.660.

"A queda da mortalidade em São Paulo começou em 1999. Houve melhorias do aparato policial, mas, principalmente, uma reação da sociedade civil, com a criação dos Institutos Sou da Paz e São Paulo Contra a Violência", disse o coordenador da equipe que preparou o mapa, Julio Jacobo Waiselfisz. Ele usou nos rankings a média de mortes ocorridas ao longo de três anos: o primeiro mapa utilizou o período de 2002 a 2004 e, o segundo, os dados de 2004 a 2006.

Mas as quedas nos índices de homicídio não parecem passar uma sensação maior de segurança para a população. O coordenador de Análise e Planejamento da Secretaria de Segurança, Túlio Kahn, acha que isso decorre das características dos assassinatos

em São Paulo. "Os homicídios estão concentrados nas periferias. Nesses locais, as pessoas percebem a queda."

Kahn afirmou que a classe média e moradores das regiões centrais são mais sensíveis a crimes contra patrimônio. Num balanço a ser divulgado amanhã, a secretaria vai apontar queda de 50% nos roubos de carro em 2007, mas outros tipos de roubo cresceram em relação a 2006. "Fora a questão dos roubos, quando há grandes ocorrências, como os ataques do PCC ou a morte do comandante da PM na zona norte, tudo vai por água abaixo", disse, referindo-se ao impacto na opinião pública da onda de atentados do crime organizado em 2006 e da execução do coronel José Hermínio Rodrigues, no dia 16.

Compreender as causas da redução dos homicídios, no entanto, continua sendo um desafio. A secretaria afirmou que o número de prisões triplicou e houve melhoria na gestão das polícias e diminuição das armas em circulação, reflexo do estatuto.

A antropóloga Paula Miraglia, diretora-executiva do Instituto Latino Americano das Nações Unidas (Ilanud), disse que já ouviu diversas análises para a queda nos assassinatos. "Desde o aumento da eficiência do Departamento de Homicídios, passando pela redução da circulação de armas, aumento das prisões, conversões religiosas, hip-hop etc. Todas ajudam a compreender um fenômeno extremamente complexo."

Os dados do Mapa da Violência são tirados de uma base do **Ministério da Saúde**, coletada desde 1979, que inclui causa da morte, local, sexo e idade das vítimas. O governo do Estado usa outro critério.

FRASE

Paula Miraglia

Diretora-executiva do Ilanud

"Várias análises ajudam a compreender um fenômeno complexo. Do aumento da eficiência do Departamento de Homicídios e do número de prisões à redução da circulação de armas"

O Estado de S.Paulo

30/01/2008

METRÓPOLE

Homicídio teve queda de 22% em 2007, diz secretaria

Bruno Paes Manso

Amanhã, a Secretaria da Segurança de São Paulo vai divulgar a queda de 22% nos casos de homicídio na capital em 2007. No ano passado, aconteceram 1.538 homicídios dolosos, contra 1.984 casos em 2006. No balanço da secretaria, não são considerados os latrocínios (roubos seguidos de morte) e homicídios culposos (quando não há a intenção de matar), o que torna a base de dados diferente da do **Ministério da Saúde**, usada no Mapa da Violência. Com isso, a capital passa a registrar índice de 15 assassinatos por 100 mil habitantes; em 2006, ele era de 18 por 100 mil.

Quando a secretaria começou a fazer levantamentos divididos pelos 96 distritos da cidade, só o Itaim-Bibi, zona sul, tinha índice de assassinatos inferior a 10 por 100 mil. Em 2007, 29 distritos estão nesse patamar. Entre eles, estão locais com histórico de violência, como Sapopemba, zona leste.

No Estado, também foram registrados avanços, pelas estatísticas da secretaria. Em 2007, houve queda de 18% dos assassinatos. Entre as 645 cidades paulistas, 427 estão com índices abaixo de 10 assassinatos por 100 mil habitantes. Em 2006, eram 396 cidades.

Folha de S.Paulo

30/01/2008

XCapa Cotidiano

Cai o número de homicídios no país

Os últimos dados do estudo 'Mapa da Violência dos Municípios', divulgado pela Rede de Informação Tecnológica Latino Americana e pelos ministérios da Justiça e da Saúde, mostram que a violência no Brasil continuou a diminuir em 2006. O total de homicídios no país nesse ano foi de 46.660. A queda ocorre desde 2004, mas seu ritmo vem se reduzindo.

Assassinatos diminuem em ritmo mais lento

*Mortes por arma de fogo caíram 5,3% de 2003 para 2004; em 2006, queda foi de 1,8%
Governo já estuda reeditar neste ano a campanha do desarmamento, apontada como a principal razão da queda da violência*

ANGELA PINHO

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Os últimos dados do "Mapa da Violência dos Municípios", divulgado ontem, mostram que a violência no Brasil continuou em queda em 2006, a exemplo do que ocorre desde 2004, mas num ritmo abaixo dos últimos anos o que preocupa o governo, que já articula a volta da campanha do desarmamento.

De 2003 para 2004, houve uma queda de 5,3% no número de homicídios por arma de fogo. De 2004 para 2005, 2,8% e, em 2006, 1,8%.

O relatório foi divulgado ontem pela Ritla (Rede de Informação Tecnológica Latino Americana) e pelos ministérios da Justiça e da **Saúde**.

Para o autor do estudo, Julio Jacobo Waiselfisz, pesquisador da Ritla (Rede de Informação Tecnológica Latino Americana), a diminuição do ritmo mostra que o impacto da campanha do desarmamento ocorrida entre 2004 e 2005 se tornou "residual".

Em 2006, foram 46.660 homicídios no país sendo 33.284 mortes por arma de fogo, representando 74,4% do total de homicídios. A avaliação do pesquisador é que a campanha, que resultou no recolhimento de mais de 400 mil armas, conseguiu reverter a tendência de alta verificada até 2003, mas não foi suficiente para garantir uma queda "sustentável" ao longo do tempo.

Presente no anúncio dos dados, o secretário executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, disse que o ministério fará uma nova edição da campanha neste ano, com foco na regularização de armas.

Jacobo comemorou a volta da campanha do desarmamento, mas apontou que ela não deveria ter terminado. "Em boa hora estamos retomando algo que deveria ter sido contínuo e não fragmentado", afirmou.

Hoje o Brasil tem uma taxa de de 19,3 mortes por arma de fogo a cada 100 mil habitantes, o que os pesquisadores consideram um número elevado. O município com o

maior número de mortos por arma de fogo, independentemente do total de habitantes, é o Rio de Janeiro, seguido por São Paulo e Recife.

Campanha

No ano passado, o governo chegou a propor uma medida provisória estendendo o prazo para registro de armamento, mas a retirou da pauta do Congresso para acelerar a tramitação da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira).

Em dezembro, o imposto do cheque foi extinto e a MP, reeditada, acabou sendo derrubada pelo STF (Supremo Tribunal Federal).

Com isso, não há base legal para a regularização das armas que ainda não têm o registro nacional da Polícia Federal. Estima-se que haja no país 4,5 milhões de armas, das quais apenas 500 mil receberam o novo registro, que passou a ser exigido em 2004, com o Estatuto do Desarmamento.

Todas as que têm credenciamento estadual hoje são consideradas ilegais.

Por outro lado, o número de armas apreendidas no país caiu 42% entre 2006 e 2007, com apenas 6.241 unidades no ano passado.

Segundo o delegado da Polícia Federal Fernando Segovia, no entanto, os números estão subestimados porque as secretarias estaduais não atualizam o Sinarm (Sistema Nacional de Armas) com o resultado de suas operações.

Colaborou ANDRÉA MICHAEL, da Sucursal de Brasília

Folha de S.Paulo

30/01/2008

Cotidiano

Taxas ainda são altas, afirmam analistas

Número de homicídios é elevado em comparação com outros países; estudiosos alertam sobre crime no interior do país

Enquanto o Brasil registra 25 homicídios por 100 mil habitantes, em 2002 o Equador teve 16,2 mortes violentas por 100 mil

FÁBIO TAKAHASHI

RICARDO WESTIN

DA REPORTAGEM LOCAL

O Brasil deve comemorar a queda no número de homicídios mostrada pelo documento "Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros 2008", mas as taxas ainda são muito altas se comparadas às de outros países. É o que afirmam especialistas que estudam o tema.

Entre 2003 e 2006, o número de homicídios por ano no Brasil caiu de 50.980 para 46.660 (variação de 8,5%).

"A redução está ocorrendo de forma consistente. As taxas, porém, ainda são muito elevadas, principalmente se comparadas com outros países", afirma a diretora executiva do Ilanud (órgão da ONU sobre delitos e tratamento do delinqüente), Paula Miraglia.

Dados coletados pela **Organização Mundial da Saúde** em anos diferentes reforçam a impressão de que a violência brasileira ainda é alta.

Enquanto no Brasil a taxa de homicídios por 100 mil habitantes está na casa dos 25 casos, no Equador estava em 16,2 em 2002; na Argentina, em 6,8 registros; nos EUA,

em 6,2; e no Canadá, em 1,5. O cientista político Jorge Zaverucha, coordenador do Núcleo de Estudos de Instituições Coercitivas da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), lembra que a queda no número de homicídios não leva necessariamente a uma diminuição da violência.

"O homicídio é apenas um dos vários indicadores da violência", afirma. "João pode ter sido assaltado, levado um tiro e ficado paraplégico, mas vivo. Ele não entrou nas estatísticas de homicídio, embora tenha praticamente perdido a vida", afirma Zaverucha.

O cientista político da UnB (Universidade de Brasília) Antônio Testa chama a atenção para o fato de os homicídios serem altos em cidades pequenas, no interior do país.

"Nos últimos anos, as quadrilhas têm passado a realizar assaltos em cidades pequenas. A polícia é ineficiente no interior. O poder público não consegue acompanhar esse movimento."

Poder público

Roberto Aguiar, ex secretário de Segurança Pública do Distrito Federal (1995-98) e do Rio de Janeiro (2002), também responsabiliza os governantes pelos índices de violência registrados no Brasil.

"Têm uma visão estreita de segurança pública. Acham que basta colocar mais policiais nas ruas ou construir penitenciárias. Isso é primitivo", diz Aguiar, que é professor da UnB.

A violência, ele continua, deve ser combatida de forma multidisciplinar, envolvendo várias instâncias de governo (e não apenas a Secretaria de Segurança) e a própria sociedade.

Para Paula Miraglia, do Ilanud, dois fatores podem ter contribuído para a diminuição da violência no país: a campanha pelo desarmamento e as ações dos próprios municípios.

"A valorização das ações locais é uma tendência mundial. Aqui, começou a despertar em 2001", afirma.

"Em uma cidade, o problema pode ser o tráfico de drogas. Em outra, o crime de vingança. Cada município deve ter ações específicas", acrescenta ela.

O pesquisador do NEV (Núcleo de Estudos da Violência da USP) Marcelo Batista Nery afirma que o estudo divulgado ontem é importante para verificar a tendência da violência no país, mas ressalta que a diferença de tamanho entre os municípios prejudica as comparações entre as cidades.

Em cidades pequenas, diz, algumas poucas mortes já podem inflar a taxa de homicídios.

Frases

"A redução está ocorrendo de forma consistente. As taxas, porém, ainda são muito elevadas, principalmente se comparadas com outros países"

PAULA MIRAGLIA

diretora executiva do Ilanud (órgão da ONU sobre delitos e tratamento do delinqüente)

"Nos últimos anos, as quadrilhas têm passado a realizar assaltos em cidades pequenas. A polícia é ineficiente no interior. O poder público não consegue acompanhar esse movimento"

ANTÔNIO TESTA

cientista político da UnB, sobre o fato de homicídio ser alto em cidades pequenas

Frases

"[Governantes] têm uma visão estreita de segurança pública. Acham que basta colocar mais policiais nas ruas ou construir penitenciárias. Isso é primitivo"

ROBERTO AGUIAR

ex secretário de Segurança Pública do Distrito Federal (1995-98) e do Rio de Janeiro (2002) e professor da UnB

"Em uma cidade, o problema pode ser o tráfico de drogas. Em outra, o crime de vingança. Cada município deve ter ações específicas"

PAULA MIRAGLIA

diretora executiva do Ilanud (órgão da ONU sobre delitos e tratamento do delinqüente)

Folha de S.Paulo

30/01/2008

Cotidiano

Lista das cidades mais violentas inclui áreas de desmatamento

Dos 36 municípios responsáveis por metade da derrubada de árvores da Amazônia Legal, 23 estão entre os 10% mais violentos

"Há uma situação muito clara no arco do desmatamento, onde há ausência do poder público e trabalho escravo", afirma o autor do estudo

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

As cidades que mais desmatam no Brasil figuram também na lista das mais violentas do país, conforme aponta o mapa da violência dos municípios brasileiros, divulgado ontem.

De uma lista de 36 cidades responsáveis por metade da derrubada recente de árvores da Amazônia Legal, divulgado pelo Ministério do Meio Ambiente, 23 delas estão entre as 10% mais violentas do país.

O trabalho utilizou informações das certidões de óbito registradas no Subsistema de Informação sobre Mortalidade do **Ministério da Saúde**. São considerados homicídios desde mortes por objetos cortantes (16,1%) até vítimas de armas de fogo (74,4%). Os dados mais recentes são de 2006.

Com essas informações, foi feita uma lista com as 556 cidades mais violentas, que correspondem a 10% dos 5.564 municípios brasileiros e abrangem 44,1% da população do país e 73,3% dos homicídios ocorridos em 2006. Essas 556 cidades têm média de 144 mil habitantes contra 32,6 mil em todos os municípios do país. De acordo com o autor do estudo, o pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz, houve no país uma "interiorização" da violência nos últimos anos.

Waiselfisz defende o uso do índice de homicídios para medir a violência em geral nos municípios porque, em primeiro lugar, "a intensidade dos diversos tipos de violência guarda uma estreita relação com o número de mortes que origina."

Dessa forma, os dados de homicídios colocam na lista das 10% mais violentas 25 capitais do país só ficaram de fora Boa Vista (RR) e Natal (RN), municípios em região de fronteira, com conflitos de terra, turísticos e em desenvolvimento.

É o caso da cidade com maior taxa de homicídios do país. Com 13.979 mil habitantes de acordo com a última contagem populacional do IBGE, Coronel Sapucaia, no Mato Grosso do Sul, fica próxima da fronteira com o Paraguai. Sua taxa de homicídio é de 107,2 em 100 mil habitantes. Se fosse considerado o número absoluto de homicídios, independentemente do número de habitantes, a liderança ficava com São Paulo 2.546 casos em 2006.

Em segundo, Colniza (MT), que liderava a lista anterior, é também um dos municípios que mais desmatam. Embora considere o número muito alto, Waiselfisz comemorou o fato de o índice da cidade mato grossense ser menor do que o anterior, que era de 165,3.

Para ele, a concentração de mortes nessas áreas se explica pela pouca presença do Estado. "Há uma situação muito clara no arco do desmatamento, onde há ausência do poder público, propriedades ilegais e trabalho escravo", diz ele.

Outras, como Caraguatatuba a mais violenta do Estado de São Paulo, têm parte da violência explicada pelo fluxo de migrantes, atraídos pelo turismo ou pelo desenvolvimento econômico. "De forma geral, os municípios que tiveram um processo intenso de desenvolvimento e migração viram crescer os indicadores de violência", diz Jorge Werthein, da Ritla (Rede de Informação Tecnológica Latino Americana).

No caso de Foz do Iguaçu (quinta mais violenta do país), no entanto, a localização fronteiriça é considerada uma explicação mais provável. "Por muito tempo se tratou a violência na cidade como um problema social", diz Luiz Paulo Barreto, secretário executivo do Ministério da Justiça. Para ele, houve "permissividade" no trato de delitos como o contrabando, que acabaram evoluindo com o narcotráfico.

Barreto diz que o ministério investe em postos policiais nas fronteiras e que o "PAC da Segurança" irá atuar na prevenção da violência. (ANGELA PINHO)

Folha de S.Paulo

30/01/2008

Cotidiano

Mortes entre jovens também cai; Foz do Iguaçu lidera ranking

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A exemplo do que aconteceu com os índices de homicídios em todo o país, a taxa de assassinatos entre a população de 15 a 24 anos caiu 3,79% entre 2005 e 2006, segundo dados do "Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros".

Essa tendência de queda começou após 2003, quando o número de homicídios entre jovens ficou em 19.731.

Em 2006, esse número caiu para 17.312. De acordo com Julio Jacobo Waiselfisz, autor do estudo divulgado ontem, a campanha do desarmamento (2004-2005) explica a maior parte da queda entre 2003 e 2005 e políticas regionais e estaduais a continuidade nos anos seguintes.

O estudo mostra que o Rio de Janeiro é a cidade onde mais morreram jovens em 2006 -879, de um total de 17.312 no país todo.

A liderança, até 2005, ficava com a cidade de São Paulo. Em 2006, 797 jovens foram assassinados na capital paulista.

Foz do Iguaçu

Por outro lado, se considerados os números de habitantes de cada município (taxa de homicídio), a liderança passa para o município de Foz do Iguaçu, seguida de Maceió e Recife, que também estão na lista das dez mais violentas na população em geral.

Em Foz do Iguaçu, cidade com mais de 311 mil habitantes, a explicação dada pelo conselho tutelar da cidade é a falta de fiscalização na fronteira -o que facilita o acesso de crianças e jovens às drogas.

O trabalho divulgado ontem traz também uma lista com as cidades com maiores índices de "vitimização juvenil".

O conceito se refere à proporção de homicídios juvenis em relação ao total de homicídios. De acordo com o estudo, os jovens representam, em média, 20% do total da população de uma cidade.

Ou seja, quanto mais o índice de vitimização se afasta desse percentual, mais forte é o indício de que, no local, há um problema específico nessa faixa etária.

De acordo com o mapa divulgado ontem, estão na pior situação os jovens de Breves, no Pará (62,5%), Cambé, no Paraná (57%) e a paulista Sertãozinho (56,3%).

Em Sertãozinho, o conselho tutelar e a Guarda Civil Municipal também atribuíram às drogas o principal motivo para o assassinato de jovens- foram 18 mortes de 2004 a 2006.

Folha de S.Paulo

30/01/2008

Cotidiano

Falta de fiscalização facilita acesso às drogas em Foz, diz conselho tutelar

JOSÉ MASCHIO

DA AGÊNCIA FOLHA, EM LONDRINA

Em Foz do Iguaçu (PR), há uma rigorosa fiscalização de mercadorias, mas não de seres humanos. Para o Conselho Tutelar do município, essa é uma das razões para o maior índice de jovens de 15 a 24 anos assassinados no país. "Tudo tem a ver com a fronteira", diz o presidente do conselho, José Wilson Teodoro de Souza.

Para ele, o sistema de fiscalização na fronteira com o Paraguai é enviesado. "Existe uma rigorosa fiscalização de mercadorias, mas não se preocupam com o ser humano. É muito fácil o trânsito de crianças e adolescentes [entre um país e outro] que têm acesso ao tráfico e uso de drogas."

Já o prefeito Paulo Mac Donald Ghisi (PDT) aponta razões da história contemporânea do município para a violência juvenil na fronteira.

"Houve uma grande demanda de pessoas para Foz na época da construção de Itaipu (nos anos 70 e 80). Depois da usina pronta, essas pessoas ficaram na periferia, sem trabalho."

Ghisi cita como exemplo das dificuldades da região a não-inclusão de Foz do Iguaçu no Pronasci (Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania). "Vivemos uma situação excepcional, em um quadro de crise social provocada pela situação na fronteira. É necessário sensibilidade", afirma.

Folha de S.Paulo

30/01/2008

Cotidiano

Prefeito de campeã de violência diz que traficantes "desovam" corpos na cidade

JOSÉ EDUARDO RONDON
DA AGÊNCIA FOLHA

"Uma terra sem dono". É assim que o prefeito de Coronel Sapucaia (453 km de Campo Grande), Ney Kuasne (PR), classifica a faixa de fronteira que o município tem adjacente à cidade paraguaia de Capitán Bado. Para ele, sua cidade está em paz e tranqüila, e parte dos homicídios ocorre mesmo é na fronteira entre os dois países.

"Lá [no Paraguai] morre gente e cai para o outro lado. [Os mortos] não são de Coronel Sapucaia. É fronteira seca, 99% das vezes eles desovam [corpos] na fronteira. É uma terra sem dono."

Estimativa da Polícia Militar aponta que há cerca de 70 km de fronteira seca entre a cidade brasileira e a paraguaia.

"Em 2007, tive apenas quatro homicídios durante o ano. Em 2006, somente sete. A posição geográfica faz com que o lado brasileiro assuma muitos crimes que na realidade não ocorrem em território nacional, mas no lado paraguaio da fronteira", diz o delegado de Coronel Sapucaia, Marcius Cordeiro. Neste ano, não houve registro de homicídios na cidade, segundo Cordeiro.

Na avaliação dele, a polícia do lado brasileiro acaba tendo de investigar casos que estão relacionados ao tráfico de drogas na cidade paraguaia.

"Temos problemas do lado paraguaio como acerto de contas entre traficantes. Essas pessoas são mortas naquele país, e o corpo é dispensado do lado brasileiro para não atrapalhar o tráfico de drogas."

A maior parte dos homicídios registrados na Polícia Civil de Coronel Sapucaia, segundo o delegado, ocorre em razão de embriaguez. O envolvimento com o tráfico de drogas aparece em segundo lugar nos levantamentos feitos pela polícia.

A cidade não tem Guarda Municipal, conta com dez PMs e uma delegacia.

Em 1997, após fugir da prisão, o traficante Luiz Fernando da Costa, conhecido como Fernandinho Beira-Mar, refugiou-se em Capitán Bado. Coronel Sapucaia possui um

hospital, com 23 leitos. A última morte de um paciente que deu entrada na instituição baleado ocorreu no dia 9 de agosto do ano passado.

Folha de S.Paulo

30/01/2008

Cotidiano

Entre as dez cidades com mais homicídios, única capital é Recife

RENATA BAPTISTA
DA AGÊNCIA FOLHA

Recife é a única capital entre as dez cidades com o maior número de homicídios do país. Além disso, Pernambuco é o Estado com mais cidades entre as 10% mais violentas do país -74 de 556.

"As pessoas em Recife matam por muito pouco. Em briga de casal ou em briga de bar, as coisas são resolvidas na faca, que já está sendo substituída pelo revólver", diz o coordenador do movimento Recife pela Paz, Daniel Chagas.

Adriano Oliveira, pesquisador do Núcleo de Instituições Coercitivas da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), diz que a atuação de grupos de extermínio, o tráfico de drogas e os crimes de proximidade -sobretudo aqueles ligados a álcool e a acerto de contas- são determinantes.

"Apesar de já percebemos uma atuação do governo na desarticulação de grupos de extermínio, falta um estudo para priorizar onde as ações devem ser mais efetivas."

Maria Tereza Guimarães, presidente do Iace (Instituto Antônio Carlos Escobar) - conjunto de entidades para combate à violência em Pernambuco-, diz que os cidadãos também têm a sua parcela de culpa quando não denunciam crimes e não cobram providências de governantes.

Guimarães é viúva do psicanalista Antônio Carlos Escobar, que foi morto em dezembro de 2005 em um semáforo de uma movimentada avenida em Recife, após buzinar para denunciar um assalto que acontecia no carro da frente.

Segundo ela, a impunidade e a falta de investimento em educação também são fatores para aumentar os índices de criminalidade na capital.

"O adolescente que fez o disparo contra meu marido era fugitivo de uma fundação de ressocialização. Depois de tudo isso, ele foi preso novamente após assaltar um policial e deixá-lo tetraplégico. Os jovens estão desgovernados. Falta representação de família, escola e Estado", afirma.

A Secretaria da Defesa Social diz que o número de homicídios no Estado está caindo devido à aplicação das metas do programa Pacto pela Vida, que foi formulado em conjunto com a sociedade civil e implantado em maio do ano passado.

"O problema é que em Pernambuco também há a questão cultural. Das 348 vítimas de homicídios ocorridos até hoje [ontem] no ano, 20 são mulheres. Destas, dez foram mortas dentro de suas casas", afirma o gerente de comunicação da secretaria, Joaquim Souza Netto. Colaorou a Sucursal de Brasília

Folha de S.Paulo**30/01/2008**

Cotidiano

Melhora posição de SP no ranking de mortes**MAPA DA VIOLÊNCIA**

Município caiu da posição de 182ª cidade com maior taxa de homicídio para a 492ª, entre os anos de 2004 e 2006

Pesquisadores apontam várias causas combinadas para a melhora no ranking, como maior policiamento e ações promovidas por ONGs

FÁBIO TAKAHASHI**DA REPORTAGEM LOCAL**

Entre o estudo do ano passado e o divulgado ontem, a cidade de São Paulo caiu da posição de 182ª cidade com maior taxa de homicídio para a 492ª. A relação do número de mortes por 100 mil habitantes (proporção que caracteriza a taxa de homicídios) na capital paulista caiu de 48,2 para 31,1. Os homicídios recuaram 40,4%, de 4.275 em 2004 para 2.546 dois anos depois.

"Não há uma causa única para essa queda expressiva", afirmou a diretora-executiva do Ilanud (órgão da ONU sobre delitos e tratamento do delinqüente), Paula Miraglia. "Há uma tendência clara de queda em São Paulo desde 1999. Até agora, nenhum trabalho deu uma resposta conclusiva para esse fato", concorda o pesquisador do NEV (Núcleo de Estudos da Violência da USP) Marcelo Batista Nery.

Segundo Nery, "se você perguntar para o poder público, ele vai dizer que foram as suas intervenções, como o policiamento; outros vão dizer que foram as ações das ONGs, que melhoraram as inter-relações sociais entre as pessoas. Para mim, foi tudo isso junto".

O pesquisador da USP faz uma ponderação sobre a redução. "Os dados mostram uma queda geral em São Paulo. Mas é preciso considerar que a cidade é muito complexa. As situações de Moema [bairro de classes média e alta] e Brasilândia [periferia da cidade], por exemplo, são muito diferentes."

Os indicadores do Observatório Cidadão Nossa São Paulo, lançados na semana passada, mostram essa disparidade. Enquanto na região da Subprefeitura da Vila Mariana houve 8,97 crimes violentos por 100 mil habitantes em 2006, em Parelheiros (ambos na zona sul) foram 47,88 casos.

Segundo o levantamento divulgado ontem, das 645 cidades do Estado de São Paulo, apenas 45 estavam entre as 10% que possuíam as maiores taxas de homicídios no país. Ou seja, 7% das cidades paulistas estavam no grupo das mais violentas. Os Estados "campeões" foram Amapá (50% dos municípios) e Rio de Janeiro (46,7%).

Dentro do Estado de São Paulo, as cidades mais violentas foram Caraguatatuba, São Sebastião (ambas no litoral) e Itapecerica da Serra (Grande São Paulo). "É preciso verificar a situação de cada município. O simples fato de estarem no litoral, por exemplo, não explica nada. Outras cidades do litoral não ficaram entre as mais violentas", diz Miraglia, do Ilanud.

Metodologia

Os levantamentos divulgados ontem e no ano passado utilizaram metodologias diferentes. No de 2007, para todos os municípios, foi considerada a média dos três anos disponíveis (de 2002 a 2004). No deste ano, a quantidade de anos foi mantida (de 2004 a 2006) para as cidades com mais de 3.000 habitantes. Para as menores, foram considerados cinco anos (de 2002 a 2006).

Questionado se a mudança no cálculo da taxa de homicídio para cidades menores poderia distorcer a comparação do ranking de municípios de um ano para o outro, o autor do "Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros", Julio Jacobo Waiselfisz, disse que não.

De acordo com Waiselfisz, a alteração tem impacto significativo apenas no retrato desses pequenos municípios.

Colaborou ANGELA PINHO, da Sucursal de Brasília

Folha de S.Paulo**30/01/2008**

Cotidiano

Drogas e desemprego põem Caraguatatuba no topo da violência em SP, diz prefeito

FÁBIO AMATO

DA AGÊNCIA FOLHA, EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

A falta de empregos e o tráfico de drogas em Caraguatatuba (173 km de SP) são apontados pelo prefeito José Pereira de Aguiar (DEM) e pelo sociólogo da Unitau (Universidade de Taubaté) Carlos Alberto Máximo Pimenta como os principais fatores responsáveis pela cidade estar no primeiro lugar em número de homicídios por habitante no Estado.

De acordo com o prefeito, a economia de Caraguatatuba depende basicamente do turismo de verão (de dezembro a março). No restante do ano, afirma, há uma queda muito forte na oferta de empregos, o que leva pelo menos 10% da população a ficar sem trabalho.

Para Aguiar, a solução para a falta de empregos deve vir nos próximos anos com a instalação de uma base da Petrobras para processamento de gás.

Ele diz que já negocia com entidades a abertura de cursos profissionalizantes que capacitem moradores interessados em trabalhar na base.

O professor de sociologia Carlos Pimenta, pesquisador na área de violência, afirma que o município "não permite aos moradores uma expectativa quanto ao futuro".

O delegado seccional de São Sebastião, que também responde pela vizinha Caraguatatuba, José Francisco Rodrigues Filho, e o comandante do CPI (Comando do Policiamento do Interior) 1, coronel Sérgio Teixeira Alves, questionam o resultado do estudo. Para eles, a pesquisa esta "defasada".

Segundo os policiais, o autor não leva em consideração o fato de Caraguatatuba ter uma população flutuante. Além disso, dizem, os números não batem com os oficiais.

Eles ainda apontam redução no número de homicídios na cidade: foram 27 em 2007, contra 61 em 2006.

Zero Hora

30/01/2008

Polícia

Estudo traça mapa da violência no país

Levantamento da Rede de Informação Tecnológica Latino-americana mostra queda no número de homicídios registrados no Brasil, embora o total de assassinatos ainda permaneça alto

Os últimos dados do Mapa da Violência dos Municípios, divulgado ontem, mostram que a violência no Brasil continuou em queda em 2006, a exemplo do que ocorre desde 2004, mas num ritmo abaixo dos últimos anos - o que preocupa o governo, que já articula a volta da campanha do desarmamento.

Segundo a pesquisa, foram mortas 50.980 pessoas em 2003. Em 2004, o número caiu para 48.374, indo para 47.578 em 2005 e 46.660 em 2006 - queda de 5,3% de 2003 para 2004, de 2,8% de 2004 para 2005 e de 1,8% de 2005 para 2006.

Para o autor do estudo, Julio Jacobo Waiselfisz, pesquisador da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla), a diminuição do ritmo mostra que o impacto da campanha do desarmamento ocorrida entre 2004 e 2005 se tornou "residual".

A avaliação do pesquisador é que a campanha, que resultou no recolhimento de mais de 400 mil armas, conseguiu reverter a tendência de alta verificada até 2003, mas não foi suficiente para garantir uma queda "sustentável" ao longo do tempo.

Presente no anúncio dos dados, o secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, disse, sem dar muitos detalhes, que o ministério fará uma nova edição da campanha neste ano, com foco na regularização das armas.

Pirapó, cidade gaúcha do noroeste, aparece em ranking

O estudo mostra ainda que 556 cidades - ou 10% do total - concentraram 73,3% dos assassinatos no Brasil em 2006. No ranking dos 200 municípios considerados mais violentos do país, em 117ª colocação aparece a cidade gaúcha de Pirapó, no noroeste do Estado. Conforme os dados do estudo, Pirapó apresenta uma taxa de 54,5 homicídios por 100 mil habitantes, com um total de três assassinatos computados. O resultado, porém, é contestável. Conforme o estatístico e assessor técnico da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE), Jéferson Daniel de Matos, como o município tem cerca de 3 mil habitantes, na proporção em relação às mortes violentas, o resultado acaba sendo distorcido.

- Esse é um grande problema de algumas pesquisas. Não se pode simplesmente dividir o número de homicídios pela população, ainda mais nesse caso, em que se trata de um município tão pequeno. Se for assim, Pirapó pode até parecer mais violenta do que São Paulo - critica Matos.

A cidade de Coronel Sapucaia (MS) tem a taxa média de homicídios mais alta do país, com 107,2 mortes para cada 100 mil habitantes. Em números absolutos, a cidade de São Paulo lidera o ranking, com 2.546 homicídios (taxa 23,7), seguida pelo Rio de

Janeiro, com 2.273 (37,7). Tanto São Paulo quanto o Rio tiveram queda nos homicídios entre 2002 e 2006. Em São Paulo, a redução foi de 54%, de 5.575 para 2.546. No Rio, a queda foi de 39%, de 3.728 para 2.273 no mesmo período.

O Rio é a cidade com maior número absoluto de morte de jovens (1.052 jovens em 2006). Os municípios com maiores taxas de homicídios juvenis são Foz do Iguaçu (PR), com média 234,8, e Recife com 214,3.

A pesquisa mostrou ainda que aumentou 19% o número total de mortes no trânsito em todo país entre 1994 a 2006. O estudo indica ainda que os números passaram de 29.527 para 35.146.